

**Bauchwitz, Oscar Federico. *A caminho do silêncio: a filosofia de Escoto Eriúgena*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 130 páginas. [Coleção Metafísica, n. 1].**

*Soraya Guimarães da Silva* \*

O filósofo Oscar Bauchwitz interpreta em seu livro *A caminho do silêncio* a obra de João Escoto Eriúgena, atendo-se especialmente sobre o *Periphyseon*, Sobre a Natureza (*De Divisione Naturae*), onde vai buscar nos revelar o sentido fundamental do silêncio. Ao ter como argumento inicial uma reflexão sobre o lugar do silêncio no mundo contemporâneo, o autor nos leva à questão do silêncio, pensado enquanto seu sentido fundamental. Falar sobre o silêncio impõe em si uma superação que, em Eriúgena, como defende o autor, se dá na comprovação da existência divina que confronta a própria palavra. O pensamento sobre o silêncio vai servir, então, de base para uma análise da obra do místico irlandês, na medida em que o tema sustenta, de acordo com o autor, o “equilíbrio dialético” (p. 12) de sua filosofia. Assim, Bauchwitz disserta sobre o princípio da obra eriugeniana, sobre o conceito primeiro de *physis, natura*, num pensamento sobre o ser e não ser, sobre palavra e silêncio – o além de qualquer significação. Como vai se confirmar na leitura da obra completa, é pois o caráter particular de sua abordagem que torna esse livro chave, como resultado de um acurado trabalho de pesquisa que tem o mérito de tornar público o legado de Eriúgena e da filosofia medieval. Bauchwitz é capaz de, em refletindo sobre a idéia do silêncio, incorporar de maneira clara e com propriedade, numa só obra, o fundamental e singular da obra do filósofo irlandês.

*A caminho do silêncio* é, digamos, uma versão mais literária da tese de doutorado de Oscar Bauchwitz, defendida com o título original de “Hacia el silencio – para uma fundamentación ética a

---

\* Doutoranda do Programa Interinstitucional de Filosofia UFPB-UFPE-UFRN.

partir de la filosofía de Juan Escoto Eriúgena”, pela Universidade de Salamanca, em 1999.

O primeiro capítulo, “A natureza como palavra e silêncio: ser e não ser” dedica-se, no *Periphyseon*, ao conceito criado por Eriúgena para definir a natureza. Um ponto interessante a destacar neste trecho da obra é o caráter de intertextualidade entre a construção histórica da definição de *physis* e da origem da filosofia. A *diferença fundamental* que como o autor defende é fundação da própria filosofia é discutida num pano de fundo à inquietação do filósofo irlandês, na apresentação dos seus modos de interpretação da diferença entre ser e não ser. Surge também neste capítulo um conceito chave: o de participação, apresentado também de modo esclarecedor para a compreensão do todo da obra do místico. “A partir da diferença fundamental entre ser e não-ser, palavra e silêncio, funda-se uma perspectiva que abarca toda a natureza. Essa perspectiva compreende em si mesma tudo o que é e o que não é” (p. 35).

No que concerne às fontes de pesquisa, o autor demonstra acuracidade ao apoiar-se em referências como Édouard Jeanneau e I. P. Sheldon-Williams, reconhecidos pelas suas contribuições aos estudos de filosofia medieval, em especial, sobre a obra de Eriúgena para a Academia.

A doutrina da teofania é tematizada no terceiro capítulo, onde são apresentados conceitos importantes como o do “fazedor” (*offina ominium*); “o mundo de fantasias” (*in mundo suo*). Nesse ponto da obra, torna-se claro para o leitor como se dá o conhecimento de Deus, de forma indireta, por meio da palavra, as teofanias. “Deus se mostra em suas teofanias e o digno nelas é que permitem ao homem conhecer não o que é Deus, senão simplesmente o que é” (p. 68).

No quarto capítulo, em que o autor discute o paradoxo da simultaneidade da eternidade e da criação do nada apenas parece afastar-se da questão própria do silêncio para tratar indiretamente do problema do devir, da criação *ex nihilo*. Bauchwitz defende a introdução da questão do nada como prerrogativa para uma analítica

do ser do homem. No capítulo cinco, a figura do homem é então apresentada como a imagem e semelhança do divino. “O homem é Deus por participação e graça” (p. 109). Mas é propriamente no discurso sobre a possibilidade de definição do homem pela palavra que o autor retoma o fio condutor central da tese, a saber, o problema do ser e não ser a partir da palavra e silêncio. Neste ponto, o leitor é levado à intricada compreensão da mística eriugeniana, onde se demonstra a impossibilidade de definição do homem e de Deus, visto que estão além do conhecimento lógico. No entanto, há que se considerar sempre as particularidades da filosofia de sua época, na qual o supracitado esforço de pensar Deus confunde-se com a motivação de se provar a existência de Deus, em última instância; aqui não ignoramos que nem todos os comentadores compartilham desta mesma visão crítica.

As notas explicativas são um diálogo correlato indispensável aos pesquisadores, revelando a marcante intertextualidade da obra. Porém, ao leitor cabe o esforço extra de mergulhar no universo da mística medieval a fim de reconhecer a importância e amplitude deste estudo.

No sexto capítulo, o autor finalmente demonstra como é possível superar o que seria um obstáculo para a condução de sua pesquisa: a ausência, em Eriúgena, da definição conceitual de silêncio. “Utilizando termos mais nossos que seus, o silêncio se mostra fundamental, seja contemplado por uma (me)ontologia, seja por uma epistemologia” (p. 119).

*A caminho do silêncio* reúne, nos principais elementos de sua tese, o pensamento sobre a liberdade humana e sua própria natureza, o pecado inerente à sua existência e, por fim, o próprio silêncio como limite da experiência do conhecimento sobre o Divino, ao passo em que constitui-se como contraprova de sua suprema existência. Ao final da leitura, podemos nos indagar, não obstante o domínio na condução do tema, para onde é conduzido o leitor; como e em que condições o pensar sobre o silêncio ao modo da teofania eriugeniana pode nos levar a pensar sobre o hoje. Indubitavelmente, este livro demonstra que a obra do filósofo

irlandês abre caminho para um pensamento renovado. Oscar Bauchwitz conclui de forma, porque não dizer, poética, um pensamento que, guiado pela mística medieval, torna-se, no hoje, por demais eloqüente para quem propõem-se a falar sobre o silêncio.